



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MAILSA SEBASTIANA FERREIRA DA COSTA

**AS DIFICULDADES EM TRABALHAR A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE
AULA**

BELÉM – PA
2019

MAILSA SEBASTIANA FERREIRA DA COSTA

**AS DIFICULDADES EM TRABALHAR A LEITURA LITERÁRIA
EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação e do Instituto de Ciências e Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Nilo Carlos Pereira de Souza da Faculdade de Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará.
(FAED/ICED/UFPA)

Orientador: Dr. Nilo Carlos Pereira de Souza

MAILSA SEBASTIANA FERREIRA DA COSTA

**AS DIFICULDADES EM TRABALHAR A LEITURA LITERÁRIA
EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação e do Instituto de Ciências e Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Nilo Carlos Pereira de Souza da Faculdade de Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará.

APROVADA ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Nilo Carlos Pereira de Souza – Orientador (ICED – UFPA)

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Orofino Lúcio – (UFPA)

Esp. Ana Paula Beltrão da Silva (SEDUC/PA)

Aos meus pais por todo incentivo e apoio que me deram para que esse sonho se tornasse possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Deus por ser a base de todas as minhas conquistas;

Aos meus pais Maria do Carmo e Milson de Jesus, meus irmão Mailson de Jesus e Felipe Costa e a minha sobrinha/afilhada Giovanna Costa, por acreditarem em mim e terem interesse e respeito nas minhas escolhas, apoiando-me e esforçando-se junto a mim, para que eu suprisse todas elas;

Aos meus amigos de curso Rosangela Nascimento, Glória Oliveira, Larissa Paixão, Bruna Matos, Marília Nascimento, Laís Araújo e Roberto Ferreira, por nunca me deixarem desistir de concluir o curso, e por sempre estarem comigo nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos de vida Jackeline Pantoja, Fernanda Sacramento, Jully Afonso, Conceição Amaral, Wilhem Machado, Euller Pantoja, Adnilso Lopes, Amanda Costa, Tuane Machado, Sanay Ferreira, Leonam Afonso, Sthefany Antunes e Tays Ferreira, por sempre me darem forças e me incentivarem para que eu pudesse concluir o curso, alegrando-me quando eu esmorecia, me dando forças quando tudo parecia está dando errado, e me erguendo toda vez em que eu pensava em desistir de tudo.

A minha amada Tia Maria Liduína (in memória) e suas filhas Lenira Machado e Letícia Machado, que me receberam de braços abertos em sua casa, proporcionando-me conforto para que eu pudesse realizar o sonho de ter o ensino superior.

Ao meu namorado Ronaldo Soares, por toda paciência que teve comigo no final do curso, entendendo meu estresse diário e incentivando-me para que eu chegasse até aqui.

Aos meus sobrinhos Ana Clara, Augusto Nery, José Francisco e Clarice Moraes, por alegrarem meus dias, por restaurar minhas forças todas as vezes que eu estava cansada e com vontade de abandonar tudo.

Ao meu querido professor e orientador Nilo Carlos, por toda paciência e dedicação que teve durante a construção deste trabalho.

A todos vocês meu muito obrigada. Amo vocês.

AS DIFICULDADES EM TRABALHAR A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA

Mailsa Sebastiana Ferreira da Costa¹

RESUMO

O presente artigo trata das dificuldades enfrentadas pelos professores ao se trabalhar a leitura literária em sala de aula. Sabemos que uma das maiores dificuldades que os professores encontram dentro das escolas diz respeito à leitura, ou melhor, à falta dela. Buscar entender como e porque crianças e jovens passam por várias fases do ensino escolar sem construir o gosto pela leitura certamente nos levará a muitas causas. Nesse caso, o objetivo central desse estudo é realizar uma reflexão a respeito da leitura literária em sala de aula para se perceber dentro do processo educacional os principais problemas que impedem a formação de novos leitores. Ou seja, nosso foco é o método de abordagem que predomina nas escolas públicas, suas falhas e contribuições em se tratando do trabalho com o texto literário. Para tanto, faremos o diálogo com alguns autores que tem a leitura como ponto central em suas pesquisas, tais como: Lajolo (1982), Soares (2001), Freire (1995), Candido (2004) e Todorov (2009). Tanto como base a pesquisa bibliográfica, nosso estudo visa contribuir para a ampliação e o aprofundamento das questões que envolvem a mediação e a formação de novos leitores nas escolas.

Palavras-chave: Escola; Leitura Literária; Dificuldades.

ABSTRACT

This article deals with the difficulties faced by teachers when working on literary reading in the classroom. We know that one of the greatest difficulties that teachers encounter within schools is the reading, or rather, the lack of it. Seeking to understand how and why children and young people go through various phases of schooling without building a taste for reading will surely lead to many causes. In this case, the main objective of this study is to carry out a reflection about the literary reading in the classroom in order to perceive within the educational process the main problems that prevent the formation of new readers. That is, our focus is the method of approach that predominates in public schools, their failures and contributions in dealing with work with the literary text. To do so, we will have a dialogue with some authors who have the reading as a central point in their research, such as: Lajolo (1982), Soares (2001), Freire (1995), Candido (2004) and Todorov (2009). As much as the bibliographic research base, our study aims to contribute to the expansion and the deepening of the questions that involve the mediation and the formation of new readers in the schools.

Keywords: School; Literary Reading; Difficulties.

¹ Graduanda de Pedagogia – Universidade Federal do Pará. E-mail: mailsacosta@gmail.com

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	7
2- A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: PROBLEMÁTICAS E PERSPECTIVAS	9
3- A ESCOLA E A FORMAÇÃO DO LEITOR.....	11
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS	18

1. Introdução

O presente artigo é referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA. O ponto de partida desse estudo são as dificuldades enfrentadas pelo professor em sala de aula em relação aos procedimentos metodológicos usados para a formação de leitores literários. Nesse caso, nos propomos a fazer uma reflexão sobre as práticas de leitura literária existentes nas escolas públicas, tendo como base estudos de especialistas da área. Decerto, ao tratar das práticas e suas abordagens metodológicas, tocaremos nas concepções de leitura, de literatura e de leitor que as sustentam.

É sabido que a leitura pode proporcionar uma formação mais ampla ao sujeito, resultando em conhecimentos sociais e culturais, valores éticos, experiências de mundo e uma maior interação com o outro. Nesse sentido, a escola tem o papel fundamental, pois na contemporaneidade é possível dizer que ela seria o espaço com maior potencial para se reunir e desenvolver boas práticas de leitura entre crianças e jovens. No sentido de construir uma base teórica para aprofundar as questões que envolvem o tema proposto, dialogamos com os estudos de alguns autores, dentre eles, destacamos: Marisa Lajolo (1982), Magda Soares (2001), Paulo Freire (1995), Antonio Candido (2004) e Tzvetan Todorov (2009).

Qual a necessidade de, ainda nos dias atuais, refletir sobre essa temática? A educação no país, mais do que nunca, vem sendo questionada. Os baixos índices no desempenho escolar dos alunos da Educação Básica apontam para uma crise no sistema escolar. Há tempos as pesquisas oficiais realizadas vêm demonstrando resultados insatisfatórios, principalmente no campo da leitura. As péssimas condições de ensino e a baixa qualificação profissional estão entre as muitas causas do desencontro entre os alunos e a leitura. Atualmente, podemos afirmar que um dos maiores desafios da escola se encontra na formação de leitores. Em meio a esse desafio, o professor enfrenta suas próprias limitações, pois, via de regra, ele também é fruto desse sistema que não o construiu às boas experiências de leitura. As primeiras deficiências no ensino da leitura e, por consequência, as dificuldades em formar leitores começam nessa grande lacuna. Os problemas enfrentados pelos estudantes diante de situações que exige habilidades com o texto escrito (interpretação textual, identificação dos mais variados gêneros textuais, exposição de argumentos, produção de textos, etc.) são apenas desdobramentos de uma problemática que envolve todo o processo de formação.

Alguns fatores como a desvalorização dos profissionais da educação, violência, número elevado de alunos por turma, diversidade cada vez maior dos níveis de escolaridade em uma mesma turma, propiciam uma dificuldade cada vez maior de formarmos leitores

reais. A maioria desses problemas é estrutural e depende de uma política de educação maior que demande investimentos, legislação específica e um tempo demasiadamente longo. Enquanto isso não ocorre, estamos observando a formação de analfabetos funcionais, ou seja, estamos formando cada vez mais alunos que apenas decodificam os símbolos, mas que não sabem interpretar o que estão lendo.

Desse modo, vale ressaltar, que a leitura proporciona ao aluno sua autonomia, seu desenvolvimento crítico, sua compreensão de mundo, sua interpretação de fatos, e sua capacidade de questionar o que enriquece sua experiência pessoal e o que precisa ser transformado na sociedade em que habita.

Na busca de novos conhecimentos para o desenvolvimento da leitura literária, é de fundamental importância que se pense em práticas pedagógicas que se ajustem às necessidades dos alunos. Nesse sentido, se faz necessário compreender o que vem sendo feito nas escolas. Começando por aquilo que não vem dando certo e acaba transformando crianças e jovens em futuros adultos não-leitores. Refletir também sobre as boas práticas de leitura, o que há de inovador ou diferenciado que vem construindo o gosto pela leitura.

A escolha pelo gênero literário dentro do processo de formação leitora, ganha destaque quando pensamos em estudos de Antonio Candido (2004), Todorov (2009) e Magda Soares (2001). Enquanto o primeiro entende a literatura como “bens incompressíveis [...], isso é, os que não podem ser negados a ninguém” (CANDIDO, 2004, p. 175), o segundo nos fala que a literatura “amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo, [...] abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente” (TODOROV, 2009, p. 23, 24). No mesmo sentido, Magda Soares (2001) nos apresenta uma concepção de literatura infantil que vai para além das prerrogativas pedagógicas, sem o caráter educativo, formador. Paulo Freire (1995) vem reforçar a ideia de que o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra, e sim em um “círculo de cultura”, onde se aprende leitura com a linguagem do mundo. E Marisa Lajolo (1982) vem nos dizer que ninguém nasce sabendo ler, ele aprende à medida que vive, sendo necessária a intermediação do professor para que esse processo de leitura aconteça com êxito. Sendo assim, o professor acaba tendo um papel decisivo na promoção efetiva da aprendizagem na escola.

Utilizamos como fio condutor dessa análise o processo de formação de leitores, pois entendemos que ensinar a ler é uma atividade inalienável da instituição escolar, ou seja, ela é essencial para a construção da cidadania e da consciência crítica.

O processo de alfabetização pressupõe um total distanciamento do ensino tradicional sobre formação de leitor – ensino esse centrado na estrutura da linguagem verbal, geralmente descontextualizado e fragmentado, promovendo apenas a capacidade de memorização do aluno, deixando de lado todo o conhecimento prévio do aluno, sua criatividade e seu poder de abstração. Os métodos tradicionais de se trabalhar a leitura nas escolas implicam em práticas que levam os alunos a aprenderem de forma mecanizada, encarando a leitura como uma tarefa árdua a ser cumprida por obrigação, pois prima pela memória, não pelo envolvimento e pela compreensão. Essa visão tradicional de conceber o texto escrito conserva os princípios estruturalistas, segundo a perspectiva de Todorov – como veremos mais adiante.

Esse estudo parte do pressuposto de que a leitura literária é a base para a formação de novos leitores, já que ela é a linguagem com maior potencialidade para atrair a atenção do sujeito para o campo da leitura. O texto literário, diferente de outros gêneros textuais, acaba abarcando todos os outros gêneros, além de trabalhar diretamente com as emoções do leitor. Assim, a leitura literária exige habilidades e conhecimento de mundo, toca em questões essenciais e promove o elo do sujeito com a realidade através do imaginário.

A partir das ideias expostas acima, este trabalho tem como base a pesquisa bibliográfica que, segundo Antônio Carlos Gil: “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Nesse caso, as dificuldades enfrentadas pelo professor ao se trabalhar a leitura literária em sala será analisada de um ponto de vista teórico. Os resultados encontrados durante o estudo oferecem novas possibilidades para se pensar em práticas de leitura que focalizem a formação do gosto pelo ato de ler.

O artigo está estruturado em quatro tópicos. Primeiramente a presente “Introdução”. Em seguida, “A formação do leitor literário: problemáticas e perspectivas”, na qual abordaremos os princípios básicos que leva a (não) formação do aluno leitor. Seguindo com o terceiro tópico A escola e a formação do leitor. E, por fim, as “Considerações finais”, onde apresentaremos nosso parecer sobre as questões levantadas nos tópicos anteriores.

2. A formação do leitor literário: problemáticas e perspectivas

A situação do professor em sala de aula apresenta inúmeros desafios. Um deles é a tarefa de formar novos leitores – sujeitos ativos que tem no ato de ler uma prática cotidiana e essencial para sua vida. São muitas as causas para essa situação: concepções ultrapassadas de leitura, de leitor de literatura e de ensino; má formação acadêmica do professor; falta de estrutura física das escolas; sistema educacional centrado no conteudismo; etc. Se tomarmos

apenas as concepções teóricas que envolvem o trabalho com a leitura literária nas escolas, iremos chegar a identificação de alguns equívocos no sistema escolar. De acordo com Todorov (2009), o método tradicional ensinado nas escolas, tem por finalidade fazer com que o aluno compreenda a leitura como um método de memorização e decodificação – esse seria o principal problema enfrentado no ensino da leitura.

O que se percebe é que ainda se pensa o ensino escolar atrelado à memorização técnica e mecânica de conteúdo. Porém, do ponto de vista teórico, tal perspectiva já foi superada há muito tempo, em favor de outros pressupostos, contrários a esse tipo de educação estrutural. Como a leitura não se resume à mera apreensão de forma ou dados informativos, passamos a ver os constantes ataques teóricos. Na concepção de Todorov:

Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo (TODOROV, 2009, p. 33).

Para que esse contexto atual possa ser superado, é necessário que o professor responsável por ensinar a leitura tenha uma ampla experiência enquanto leitor, utilizando-se de estratégias de envolvimento com o ato de ler, desenvolva boas práticas de leitura que atraia o interesse do jovem, leitor em potencial. De fato, mediar leitura não significa ensinar a ler, ou ensinar literatura. A mediação de leitura pode até envolver algum momento de instrumentalização da linguagem escrita; contudo, o papel do mediador de leitura é mais do que isso. A mediação de leitura é antes de tudo uma relação entre um leitor experiente e um leitor iniciante. Uma relação onde a troca de experiência se faz em meio a um processo que envolve afetividade, confiança, mútua cooperação, interação, motivação, etc. em meio a esse processo o leitor iniciante é levado a ampliar seu horizonte cultural, sua base de conhecimento, sua visão de mundo. Segundo nos confirma Todorov: “o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano” (TODOROV, 2009, p. 92).

Após essas primeiras ideias, não temos dúvida do quanto a leitura, em especial a leitura literária, influencia e contribui na formação do sujeito. Pensamos especificamente na leitura literária não só pelo leque de possibilidades que ela manifesta – possibilita novas indagações, estimula sua curiosidade, cria hipóteses, instiga novos conhecimentos, restaura a vontade de ler, etc. –, mas principalmente porque nela se encontra uma forma de linguagem

que amplia a própria realidade. Mas, para que isso tudo aconteça, é necessário que o professor possibilite ao aluno uma experiência prazerosa com o ato de ler, provocando-o e estimulando-o a buscar novas leituras: “A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2009, p. 76).

3. A escola e a formação do leitor

A escola como instituição que deve promover o conhecimento e a formação do sujeito tem o papel fundamental de formar leitores. Assim, cabe a nós entender como a escola tem desenvolvido as práticas de leitura literária e como vem se dando o processo de formação de novos leitores. Não se pode ignorar que essa formação só é possível por meio da mediação. O mediador de leitura é sempre um leitor que tem experiência com determinados tipos de textos. Se ele é um mediador de textos literários, ele deve ter lido inúmeras obras, já deve ter feito muitas reflexões em torno delas, já amou umas, odiou outras, enfim, ele deve ter vivenciado várias aventuras com o ato de ler. Somente com uma variada experiência com a leitura o mediador pode transmitir esse prazer pela leitura capaz de formar outros leitores.

Na escola, esse papel, geralmente é destinado ao professor. Contudo, a mediação de leitura deveria ser tarefa de todo e qualquer profissional da educação. Para Michelè Petit, a mediação se dá “graças a um encontro feliz com um professor ou com uma garota. Ou, eu acrescentaria, com uma bibliotecária” (PETIT, 2010, p. 11). Nesse caso, a mediação pode acontecer fora do âmbito escolar, por alguém que nem tinha a intenção de fazê-la. Petit acrescenta:

Quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo. E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso (PETIT, 2010, p. 148).

O problema é que durante a fase escolar, o lugar que as crianças e jovens menos encontram os mediadores é justamente na escola. A leitura escolar deixa de ser um momento de reflexão e encantamento para se tornar puro exercício de memória e obrigações. O texto literário, geralmente concebido pela escola como uma ferramenta pedagógica para se ensinar regras de linguagem esgota-se em práticas enfadonhas sem nem tocar seu universo de representações. Se a literatura não envolve o leitor, menos ainda ela estabelece paralelos com

o político, com o cultural, ou com o filosófico. Sim, pois a obra literária engloba os muitos discursos, dialoga com todas as áreas do conhecimento. E Todorov vem fortalecer esse pensamento quando afirma que:

A literatura refere-se a tudo. Não pode ser separada da política, da religião, da moral. É a expressão das opiniões dos homens sobre cada uma das coisas. Como tudo na natureza, ela é ao mesmo tempo efeito e causa. Imaginá-la como fenômeno isolado é não imaginá-la (TODOROV, 2009, p. 60).

Imaginar a leitura literária como fenômeno isolado é também desvincular a subjetividade que há no processo de identificação com o texto durante a leitura. As referências individuais de cada leitor fazem as conexões necessárias para transformar a obra em unidade inteligível de expressão. O isolamento diz respeito sempre às concepções descontextualizadas do fenômeno literário. Até mesmo a escolha dos textos para serem lidos fala bastante das concepções. Sobre esse respeito, Soares afirma que “geralmente retirados [os textos] do livro didático, que rege a aula. Os textos são utilizados como argumento para a prática de atividades repetitivas, como metalinguagem, vocabulário, interpretação e proposta de redação” (SOARES, 2001, p. 25).

A leitura literária tem de ser uma prática cotidiana na escola. Para que isso aconteça sem que seja imposta pelo sistema escolar, ela deve proporcionar momentos prazerosos, para que o aluno queira repetir a experiência. Quanto mais a leitura é realizada, mais o leitor se apropria das estruturas, mais ele ganha intimidade com os gêneros, melhor ele compreende as regras do jogo. Essa visão de leitura já tinha sido construída por Paulo Freire, quando nos propõe as seguintes premissas: “Se é praticando que se aprende a nadar, Se é praticando que se aprende a trabalhar, É praticando também que se aprende a ler e a escrever. Vamos praticar para entender E aprender para praticar melhor” (FREIRE, 1995, p. 47)

É por isso que se torna fundamental que a escola possa criar possibilidades e oportunidades para que o professor consiga despertar em seus alunos o gosto pela leitura literária. Mas, para que essa leitura se torne de fato agradável e prazerosa, é preciso que o professor mediador esteja constantemente vivenciando novas experiências com as obras literárias.

Uma escola que tenha como princípio básico a formação de leitores encontra dentro de sua estrutura física espaços apropriados para tal prática. Uma boa biblioteca escola, composta de um amplo acervo, precisa ser considerada o coração de uma escola. Espaço de convivência, onde os alunos possam interagir, trocar ideias e, sobretudo, ler. Tanto a leitura

silenciosa, quanto a leitura coletiva carecem de ambiente arejado, espaçoso, agradável. O mais comum é encontrarmos nas escolas espaços inapropriados para a leitura: salas reduzidas, sujas, sem aeração, espaços que ainda assim são chamados de “biblioteca”. Isso quando a escola não possui espaço dedicado à leitura. A utilização inadequada da biblioteca escolar traz uma visão ultrapassada de leitura. É comum encontrar as bibliotecas como depósitos de livros didáticos, ou como espaço de castigo para onde se envia alunos que não se comportam. Isso demonstra o quanto a organização do espaço físico na escola reflete a concepção de leitura. Segundo Ezequiel Theodoro da Silva, a biblioteca escolar:

Deve se colocar como o cérebro da escola, ou seja, o local de onde partem os movimentos básicos em direção a recriação ou criação do conhecimento, servindo a professores, alunos e comunidade. Caso seja definida desta maneira, a biblioteca deixa de ser um complemento ou apêndice secundário de trabalho, transformando-se num recurso básico para as decisões curriculares, permitindo a atualização pedagógica dos professores, a aprendizagem significativa dos estudantes e a participação da comunidade em termos de indagações várias (SILVA, 1999, p. 112).

Para mudar a concepção de leitura existente de forma predominante nas escolas, é preciso formar profissionais da educação que compreendam o papel central da leitura e do processo formador de leitores. No entanto, a falta de investimentos na formação continuada do professor em leitura literária prejudicar as práticas de leitura. Em todos os momentos de sua história, a escola, enquanto instituição formadora, representa em suas estruturas o público que ela atende. Quando espaço de filósofos, as escolas mantinham os espaços para o livre pensar. Quando serviam aos religiosos, as escolas conservavam espaços fechados e reservados, limitados a poucos indivíduos. Quando destinados à burguesia, os espaços de aprendizagem mantinham um padrão sofisticado e com estruturas planejadas para agradar os filhos de uma elite econômica. Recentemente, com a democratização da educação escolar, tornou-se um espaço para atender a classe trabalhadora. Não vemos mais nas escolas públicas as arquiteturas dos mosteiros, nem o requinte das escolas burguesas. Sem a solidez dos espaços amplos e planejados, sobram à classe trabalhadora edifícios precários, que não atendem minimamente as necessidades do seu público: espaços onde a leitura não é prioridade.

O professor precisa ser o mediador entre o aluno e o livro, é ele quem apresenta um novo mundo através das leituras literárias em sala de aula. É também por meio dele que o aluno aprende a sentir o gosto no ato de ler (ou não). É sua responsabilidade construir práticas de leitura que atraia a atenção dos alunos, porém isso tudo só é possível quando se há uma ligação entre mediador e aluno. Assim, se faz necessário estabelecer um elo de afetividade

para que professor e aluno se encontrem num campo onde possa vigorar a troca de experiência entre eles. O respeito e a confiança entre professores e alunos são fundamentais para que a leitura literária possa fluir. Sem essa relação, a leitura pode morrer antes mesmo de começar.

A literatura, enquanto linguagem artística, também deve ser cultivada como um passatempo. Em outras palavras, pode servir para entreter o aluno nos momentos livres. Sem o peso de um didatismo, a leitura livre e espontânea também deixa de lado a repressão das avaliações – uma pressão que pode acabar com o aspecto libertário do pensamento crítico. A necessidade de ler se evapora numa subjetividade imperceptível. O professor mediador pode ampliar o leque de opção e incluir obras que subvertem o cânone literário escolar.

Mas o que se deve ler? Todo mediador de leitura traz consigo seu repertório de leitura. De contra partida, o aluno também traz seus interesses e preferências. Antes de levar para a sala de aula uma obra, com o intuito de provocar o prazer do aluno pela leitura, o professor deve sentir esse prazer. Só isso não garante que o aluno venha a gostar do texto lido, mas amplia a possibilidade, pois a grande literatura carrega consigo experiências comuns a todo ser humano, sentimentos que tocam de forma universal. Em suma, é possível manter como parâmetro o impacto de nossa própria recepção como primeiro critério avaliativo de uma obra literária. Além disso, a própria experiência leitora do mediador ajuda a fazer as devidas associações obra-público de forma coerente. Em última análise, cada sujeito, aos poucos vai descobrindo o que gosta mais de ler – uma descoberta que pode sofrer mudanças de acordo com os mediadores encontrados pela vida afora. Isso porque o ser humano necessita a todo momento de respostas para questões que ele sozinho não consegue resolver. Essa ideia se alinha com a de Candido, quando diz que: “a literatura transmite uma espécie de conhecimentos que resulta em aprendizado, satisfaz em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos. (...) “negar a fruição da literatura é mutilar nossa sociedade, e em uma sociedade as pessoas devem ter um direito igualitário a ter acesso e possibilidades de usufruir da literatura de nível popular até a literatura de nível erudita” (CANDIDO, 2004, p. 170).

É o próprio Candido que fala da literatura como um direito incompressível. Ele chega a questionar: “Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven?” (CANDIDO, 2004, p. 172). Essa pergunta nos leva a refletir que todos temos direitos sim, direito a ter uma boa moradia, uma boa alimentação, uma boa saúde, liberdade e principalmente ter direito à boa educação. É somente através dela que somos apresentados ao prazer da leitura literária nas escolas.

Deste modo, a leitura literária é fundamental, pois é por meio dela que os alunos conseguem interagir com outros universos e por consequência aprendem a serem bons críticos interpretativos, como afirma Freire: “a importância do ato de ler, que implica sempre a percepção crítica, interpretação e reescrita do lido” (FREIRE, 1995, p. 21). A afirmação de Freire justifica-se pelo fato de que por meio da leitura o aluno consegue constituir-se como um sujeito ativo e crítico, conseguindo também estabelecer condições para refletir e formar sua opinião.

A literatura dessa maneira convida o leitor para o contato com distintas ações, emoções e visões de mundo, e consegue proporcionar crescimento interior, possibilita formação individual para medir e codificar seus próprios sentimentos e ações. Desenvolve também a sensibilidade e inteligência, habilitando para uma leitura de mundo, despertando a capacidade de indignação, consciência crítica, conduta ética e desenvolvendo a capacidade de compreensão e absorção da atividade estética. Mas, isso tudo só é possível se entendermos que a literatura não é algo estático, e sim um processo criativo, transformador, construtivo e que sofre modificações a todo momento, visto que, toda obra nunca está inteiramente acabada, e sim vive em processo de transformação a todo instante. Deste modo como afirma Freire, “cabe ao educador desafiar os educandos a que escrevam o que queiram e o que possam com as palavras sugeridas” (Freire, 1995, p. 27).

Quando o aluno leitor consegue se envolver e interagir com a obra literária, ele consegue encontrar um prazeroso e motivador sentido no ato de ler, procurando cada vez mais compreender o texto e relacioná-lo com o ambiente em que vive, conseguindo construir e elaborar novas significações ao que foi lido: “na literatura se confiam diferentes imaginários, sensibilidades, valores, comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, desejos e utopias” (LAJOLO, 1982, p.48). Dentro dessa perspectiva é possível se chegar à ideia de que a leitura literária é um dos melhores instrumentos para a emancipação do sujeito, para que ele possa conhecer a si e ao mundo.

4. Considerações Finais

A prática da leitura é de fundamental importância na formação do indivíduo. Ela deve fazer parte da vida de todos, pois com ela o indivíduo amplia sua interação com o mundo. Realizada com prazer, a leitura desperta o sentido, o senso crítico da pessoa, enriquece sua visão de mundo, organiza o mundo interior. Mas, para que isso aconteça é necessário que escola tenha a leitura como um princípio fundamental em todo processo educacional. Isso implica dizer que o processo educacional seja pensado com o objetivo de formar o gosto pela

leitura nos alunos, com práticas que estimulem o contato com o livro e com espaços apropriados para o ato de ler.

Contudo, uma peça fundamental para uma escola leitora é a figura do professor mediador. É ele que tem a maior possibilidade de influenciar as crianças e jovens no campo da linguagem literária. Sabemos que ninguém nasce lendo, tão pouco gostando de ler. A leitura é uma construção que passa por inúmeras fases: instrumentalização, decodificação, contextualização, significação, ressignificação, etc. Porém, todas essas fases estão ligadas ao princípio da motivação, coisa que se dá com a introdução do mediador. Mediar é trocar experiências, é organizar os espaços, é conquistar o leitor iniciante...

Desse modo, a leitura consegue interagir com o leitor, de maneira que enriquece seu crescimento pessoal, profissional e social, fazendo dela uma atividade individual, que faz com que o leitor desenvolva sua compreensão de leitura do que foi lido e assim consegue fazer a associação com sua realidade, adquirindo e construindo o gosto pela leitura.

Mas, para que esse gosto pela leitura aconteça com veracidade, é necessário que escola e professor interajam harmonicamente, ou seja, é preciso que possibilite ao aluno o contato com textos significativos para sua vida, que os ajude a refletir, pensar, discutir, divertir e principalmente fazer com que ele adquira conhecimentos sobre o mundo, para que a leitura torne-se um hábito cotidiano.

Para tanto, é necessário que esse aluno ao adentrar o espaço escolar, possa ter contato direto com a leitura, mas não de forma equivocada, já que muitas instituições ainda mantêm em seu currículo a apreensão da leitura pela decodificação e decifração de sílabas e palavras - não que esse método não seja eficiente- mas sim pelo fato de que a leitura não se resume em apenas esse método.

O professor necessita ter a possibilidade de desenvolver em sala de aula projetos de intervenção pedagógica, sem que a escola interfira em seu modo de implementação, visto que, muitas escolas não querem abrir mão de sua tradicional educação para deixar a educação inovadora fazer-se presente em seu espaço. Mas, esse impasse só prejudica a aprendizagem do aluno e o trabalho do professor.

Porém, durante seu curso, o professor não é bem formado, constatando muitas falhas em seu currículo, porque no momento em que deveria ir para a prática durante os estágios que precisa realizar, ele é por muitas vezes mal recepcionado nas escolas e mal orientado pelos professores mais antigos responsáveis por essas disciplinas.

Outra falha que implica na má formação do professor, é a organização do currículo que deve cumprir, uma vez que, a teoria teria que vir antes da ação prática e não ao contrário,

como acontece em muitas instituições, e outra falha é a falta de disciplinas que possibilitem o professor - nessa fase ainda aluno- que possa ir às escolas para desenvolver projetos de leituras por meio de encenações teatrais, cantinhos de leitura, interpretações de literaturas infantis entre outros.

Mas, essa má formação do professor enquanto aluno, não lhe tira a responsabilidade de formar bons leitores, visto que, se torna essencial que este professor ainda aluno busque por vontade própria adquirir cada vez mais conhecimentos sobre leitura literária, através de cursos ofertados pelo governo e pelas instituições de ensino.

Cabe ao professor pôr em prática durante suas aulas de leitura, planos de intervenção no qual utiliza textos diversos como: músicas, história em quadrinho, poemas e contos, e faça com que seu aluno leia da maneira que entender e que seja melhor para sua compreensão, através da leitura em voz alta ou não, proporcionando a ele um momento prazeroso de adquirir novos conhecimentos.

Outras intervenções para o ensino de leitura literária, é a criação de espaço como “A Hora do Conto” e grupos de leitura, onde o professor apresenta como será realizada a atividade e deixa o aluno realizá-la de maneira livre, mas sempre obedecendo as regras orientadas, e intervindo sempre que for solicitado.

Assim, o professor conseguirá realizar seu trabalho com grande desenvoltura e eficácia perante a formação do aluno leitor literário, uma vez que ao proporcionar a seu aluno um momento de prazer e diversão na interação do mesmo com a leitura, o professor estará cumprindo seu papel de formador e terá conseguido formar um leitor literário proficiente.

Por fim, a leitura literária é de extrema importância no processo formativo, pois o professor enquanto mediador, trará um leque de métodos variados, que busquem atingir o objetivo de formar um aluno leitor, a fim de que este compreenda o mundo em que vive.

O espaço da leitura (bibliotecas, salas de leitura, espaços livres, etc.) são reflexos de uma determinada concepção de formação de leitor. Essas estruturas falam por si e somam nos resultados da educação escolar. O tipo professor tem nas mãos um grande desafio que ultrapassa a instrumentalização dos seus alunos, ele precisa transmitir uma riqueza que rompe qualquer fronteira cultural. Pois quem se forma leitor tem consigo uma herança deixada pela humanidade, uma das poucas que consegue superar o tempo histórico.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: Vários escritos. 6. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, Editora Atlas, 2002.

LAJOLO, Marisa Philbert. **Usos e abusos da literatura na escola:** Bilac e a literatura escolar na república velha/ Marisa Lajolo - Rio de Janeiro: GLOBO, 1982.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira.** 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infanto juvenil.** In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (organizadoras). **Escolarização da leitura literária,** Belo Horizonte: Autêntica - 2. Ed. - 2001.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Fidel, 2009.